



DISCIPLINA	NOME
HG758A	Tópicos Especiais em História da Filosofia Moderna X

Horas Semanais						
Teóricas	Práticas	Laboratório	Orientação	Distância	Estudo em Casa	Sala de Aula
04	0	0	02	0	0	04
Nº semanas	Carga horária total		Créditos	Exame	Frequência	Aprovação
15	90		06	N	75%	N

Docente: Fábio Nolasco

Ementa: O curso se propõe a desenvolver tópicos em história da filosofia moderna, a partir de textos clássicos pertinentes, de acordo com as pesquisas em andamento no departamento de Filosofia.

Programa:

Goethe, Schelling, Hegel e a questão da crítica à ciência moderna

Goethe, Schelling, Hegel, dentre outros, elaboraram em torno da aurora do século XIX profunda e influente especulação prático-filosófica a respeito de uma alternativa à ciência analítico-matemática então dominante. De tais tentativas resultaram o projeto morfológico goetheano (tocante especialmente à botânica, anatomia comparada, mineralogia e teoria das cores), a filosofia da natureza de Schelling (maximamente influente à época de ouro do romantismo alemão) e a filosofia da natureza de Hegel, esta que, num esforço de reforma da posição schellingiana, apresenta um balanço-geral do significado histórico-filosófico da especulação sobre a possibilidade de uma alternativa à “ditadura científica do quantitativo”.

Diametralmente oposto a tais projetos, o desenvolvimento do positivismo científico ao longo do séc. XIX não apenas contribuiu, mas foi determinante para que fosse disseminada uma opinião comum segundo a qual os projetos de Goethe, Schelling e Hegel não passariam de modismos artístico-filosóficos ausentes de qualquer significado científico sério. Tais projetos foram, com isso, em larga medida esquecidos.

A redescoberta de seu valor filosófico e científico, por isso, ocorreu simultânea ao processo de “decadência e crise” em que se encontrava o positivismo científico à aurora do séc. XX. – A “Fenomenologia transcendental” de Husserl, p.ex., desenvolvera-se precisamente à medida em que o “positivismo” entrava em crise, culminando, pois, em 1936, com as conferências sobre a “A crise das ciências europeias”, onde o filósofo austríaco propôs uma refundação fenomenológico-transcendental da ciência positiva.

Um dos primeiros discípulos de Husserl, Heidegger, foi um bocado adiante no projeto de crítica da ciência moderna, inserindo-a então numa crítica mais geral ao “esquecimento do ser”, característica determinante da onto-teo-logia ocidental. Numa conferência célebre da década de 1950, “A questão da técnica”, Heidegger expôs o cerne

de seu ponto de vista crítico, que consiste em defender que a forma eminentemente técnica e possivelmente auto-destruidora da ciência moderna (Ge-stell) não é coisa que os homens possam simplesmente reformular ou refundar. Se, por um lado, “a ciência não pensa” – tal como formulado em outro texto da década de 50 –, não obstante ela pertence à “história do ser”, não cabendo contra ela uma simples e imediata recusa.

Lévi-Strauss, por sua vez, em 1962, no primeiro capítulo do célebre “O pensamento selvagem”, capítulo intitulado “A Ciência do concreto” – texto que talvez possa ser dito uma das pedras-de-toque do movimento pós-estruturalista francês –, expõe a opinião de que a ciência moderna europeia traz à tona para o etnólogo



2º período letivo de 2016

um problema antropológico: ao qual se poderia dar o nome de paradoxo neolítico. Desse ponto de partida tornou-se então quase moda acusar a ciência moderna de “eurocêntrica”.

Já Habermas, em 1969 – num texto que marca exemplarmente a primeira fase de sua atividade professoral em Frankfurt, “Técnica e Ciência como “Ideologia” – defende contra Marcuse (e indiretamente contra Hegel, W. Benjamin, Bloch, Horkheimer e Adorno) a tese de que a ciência moderna, ou o modo de ação racional com vistas a fins, não teria nem o caráter do “eurocentrismo”, tampouco o de “ideologia de classe”, porém pertence necessariamente ao horizonte prático do “gênero humano” enquanto tal.

Vê-se a partir desse balanço, portanto, que ora como “crise do positivismo”, ora como “momento perigoso da história do ser”, ora como “paradoxo neolítico” e como “incontornável âmbito prático do gênero humano”, o conceito-crítico da ciência moderna se faz presente de maneira significativa nas mais importantes e influentes correntes filosóficas europeias (ou continentais, como se costuma dizer) do séc. XX: fenomenologia, hermenêutica, estruturalismo e “teoria crítica”, determinando, assim, e certamente até hoje, os mais diversos posicionamentos histórico-científico-filosóficos a respeito da questão de uma “alternativa à ciência moderna”.

Em todas essas quatro tradições, entretanto, dificilmente se pode contar com uma interpretação detida dos projetos filosófico-científicos de Goethe, Schelling e Hegel – em contexto. A razão disso é que uma tal tarefa só começou a ser vislumbrada a partir da década de 1970 e do desenvolvimento acadêmico-universitário de novas metodologias de “história da filosofia”.

Isso posto, podemos então formular completamente o objetivo de nossa proposta de curso:

introduzir os alunos aos pontos fundamentais da crítica à ciência moderna levada a cabo por pensadores determinantes das principais correntes filosóficas do

séc. XX, mediante o trabalho mais detalhado com o caso exemplar dos projetos filosóficos-científicos de Goethe, Schelling e Hegel.

Planejamos 16 aulas para o curso, que serão assim divididas:

1a Aula:

Introdução geral: história do esquecimento das contribuições científicas de Goethe, Schelling e Hegel ao longo do séc. XIX; Fenomenologia transcendental e crise do positivismo

2a Aula:

O conceito heideggeriano da técnica.

Texto de trabalho: “A questão da técnica”, traduzido por Marco Aurélio Werle in: Revista Scientia Studia, 2007

Metodologia: aula expositiva e leitura de trechos do texto base.

3a Aula:

O conceito lévi-straussiano de bricoleur.

Texto de trabalho: primeiro capítulo de: Lévi-Strauss, C., O pensamento selvagem, Papyrus: Campinas, 2011.

Metodologia: aula expositiva e leitura de trechos do texto base.

4a Aula:

Técnica e Ciência como “Ideologia”.

Texto de trabalho: segundo capítulo de: Habermas, J., Técnica e Ciência como “ideologia”, tradução de Felipe Gonçalves Sila, introdução de Marcos Nobre, Editora Unesp: São Paulo, 2014.

Metdologia: aula expositiva e leitura de trechos do texto base.

Indicação bibliográfica adicional:

MÜLLER, M., Epistemologia e Dialética. In: Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP), Campinas, v. 2, p. 5-30, 1981.

Da 5a à 8a Aula:

O projeto morfológico de Goethe

Texto de trabalho: “O experimento como mediador entre sujeito e objeto” (Versuch als Vermittler zwischen Subjekt und Objekt), 9 páginas, tradução fornecida pelo professor. Metodologia: leitura e análise do texto.



Indicação bibliográfica adicional:

GOETHE, J.W.von, A metamorfose das plantas, Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de Maria Filomena Molder, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 1993

MOLDER, M.F., O pensamento morfológico de Goethe, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 1995
9a e 10a Aulas:

A filosofia da natureza de Schelling

Texto base: prefácio e primeiro capítulo de "Sobre a alma do mundo" (Von der Weltseele), aprox. 20 páginas, tradução a ser fornecida pelo professor.

Metodologia: leitura e análise do texto.

Indicação bibliográfica adicional:

SCHELLING, F.W.J., Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza, tradução e introdução de Márcia Gonçalves, Loyola: São Paulo, 2010.

Da 11a à 16a aulas:

A filosofia da natureza de Hegel

Texto base: a Introdução (30 páginas) de: Hegel, G.W.F., Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio (1830), II vol. Filosofia da Natureza, trad. Paulo Meneses, Edições Loyola: São Paulo, 1997.

Metodologia: leitura e análise do texto.

Indicação bibliográfica adicional:

GONÇALVES, M.C.F., A Crítica às Ciências Mecanicistas na Física Especulativa de Hegel, in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, Ano 6, no11, 2009: 113-124.

FERRER, D., Espécies, Classificação e Evolução em Hegel in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos Ano 6, no11, Dezembro - 2009: 32-56

Bibliografia:

Bibliografia Geral do Curso

BENJAMIN, W., Ensaios reunidos: escritos sobre Goethe, Duas Cidades/Editora 34: São Paulo, 2009

BOURGEOIS, B, A natureza: promessa, promessa e promoção do espírito, in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos Ano 6, no11, Dezembro - 2009: 19-31

CASSIRER, E., Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit, Vierter Band (Von Hegels Tod bis zur Gegenwart, 1832-1932) [1957], in: ID., Gesammelte Werke, Vol 5, Meiner: Hambourg, 2000

_____, El Problema del Conocimiento, v. 4 "De la muerte de Hegel a nuestros dias [1832-1932]", Fondo de Cultura Económica: Cidade do México, 1986.

DRÜE, H., GETHMANN-SIEFERT, A., et al.: Hegels "Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften" (1830). Ein Kommentar zum Systemgrundriß von H. Drüe, A. Gethmann-Siefert, C. Hackenesch, W. Jaeschke, W. Neuser und H. Schnädelbach, Suhrkamp: Frankfurt am Main, 2000

FERRER, D., Espécies, Classificação e Evolução em Hegel in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos Ano 6, no11, Dezembro - 2009: 32-56

GOETHE, J.W.von, A metamorfose das plantas, Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de Maria Filomena Molder, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 1993

_____, Goethes Werke, Hamburger Ausgabe, C.H.Beck'sche Verlag: München, 1981.

GONÇALVES, M.C.F., A Crítica às Ciências Mecanicistas na Física Especulativa de Hegel, in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, Ano 6, no11, 2009: 113-124.

_____, Hegel leitor de Goethe: Entre a física da luz e o colorido da arte in: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, Ano 5, no8, 2008: 37-56

HABERMAS, J., Technik und Wissenschaft als "Ideologie", Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1969.

_____, Técnica e Ciência como "ideologia", Editora Unesp: São Paulo, 2014



2º período letivo de 2016

- HEGEL, G.W.F., Werke in 20 Bänden (Theorie-Werkausgabe – TW), Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1970
_____, Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio (1830), II vol. Filosofia da Natureza, trad. Paulo Meneses, Edições Loyola: São Paulo, 1997
- HEIDEGGER, M., “A questão da técnica”, traduzido por Marco Aurélio Werle in: Revista Scientia Studia, 2007
- HORTSMANN, R.-P., PETRY, M. (orgs.): Hegels Philosophie der Natur, Beziehungen zwischen empirischer und spekulativer Naturerkenntnis, Klett-Cotta: Stuttgart, 1986
- LÉVI-STRAUSS, C., La pense sauvage, Plon: Paris, 1962
_____, O pensamento selvagem, Papirus: Campinas, 2011
- LÖWITH, K., Von Hegel zu Nietzsche, in: Id., Sämtliche Schifften, vol. 4, Meiner: Hamburg, 1995
- MOLDER, M.F., O pensamento morfológico de Goethe, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 1995
- MORETTO, A., Hegel e la “matematica dell’infinito”, Verifiche: Trento, 1984
_____, Filosofia dela Matematica e dela meccanica nel sistema hegeliano, Il Poligrafo: Padova, 2004
- MÜLLER, M., O Idealismo Especulativo de Hegel e a Modernidade Filosófica: Crítica ou Radicalização dessa Modernidade? In: Revista Eletrônica ESTUDOS HEGELIANOS, Ano 2, no 2, 2005, pp. 58-74.
- NOLASCO, F., A suspensão qualitativa da quantidade: a crítica hegeliana ao paradigma matemático da ciência moderna, Dissertação de Doutorado, s.n.: Campinas, 2015(a).
- PETRY, M. (org.), Hegel and Newtonianism, Springer Science: Dordebrecht, 1993.
- SCHELLING, F.W.J., Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza, trad. de Márcia Gonçalves, Loyola: São Paulo, 2010.
_____, Sämtliche Werke, Cotta: Stuttgart und Augsburg, 1859